



A sétima arte e a representação da mulher no período ditatorial brasileiro¹

Laudia de Oliveira BOLZAN²

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

Orientadora: Prof^a. Maria Cristina TONETTO³

Resumo

Este artigo procurou mostrar a representação da mulher, no período ditatorial, no cinema brasileiro. A resposta que buscávamos era de que forma a mulher foi apresentada no cinema nacional na época da ditadura civil militar. Nossas indagações foram respondidas através de uma pesquisa bibliográfica e videográfica. O filme escolhido para análise foi *Zuzu Angel*, de Sérgio Rezende, que revelou os hábitos, costumes e questionamentos políticos e sociais deste país e suas representações. Nesta película encontra-se uma trinca interessante dentro da História brasileira: cinema, regime militar e mulher. As semelhanças e as diferenças que a obra cinematográfica apresenta ao espectador em relação à vida real é um dos questionamentos deste trabalho. Nosso estudo revelou também a importância do cinema como mais uma alternativa de comunicação para divulgar e resgatar momentos da história brasileira.

Palavras-chave: Cinema-história; mulher; ditadura militar.

Introdução

O término da ditadura brasileira foi um marco para a política do país. Esse momento da história do país passou a ser revisto pelo cinema nacional no final da década de 90. A maioria dos filmes sobre esse período apresenta homens como protagonistas. No entanto, a mulher também foi primordial na luta pela democracia, como analisado neste artigo, que irá avaliar a construção da figura feminina durante a ditadura brasileira no filme *Zuzu Angel*, de Sérgio Rezende, que apresenta a luta feminina contra a ditadura.

¹ Artigo referente a representação da mulher durante o regime militar brasileiro através do filme *Zuzu Angel*.

² Jornalista formada pelo Centro Universitário Franciscano, e-mail: laubolzan@gmail.com.

³ Jornalista e professora de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, e-mail: kytta7@gmail.com



Esta personagem destoa do restante das produções nacionais, que sempre colocaram o papel feminino como secundário, tornando as personagens femininas meras coadjuvantes na ação dos homens.

Este trabalho fez um resgate da relação entre cinema e história, bem como os principais momentos do regime ditatorial brasileiro e a evolução da mulher nas telas cinematográficas. A análise fílmica foi a metodologia usada para responder aos questionamentos sobre a maneira como a personagem Zuzu foi representada.

Em um primeiro momento foi feito um resgate da relação cinema e História. A sétima arte foi muito usada pelos grandes chefes de estado para impor seus ideais para a sociedade. Jorge Nóvoa, Marc Ferro e Robert Rosenstone serviram como base. Depois, embasados por Ana Maria Colling, Dom P.E. Arns, Hélio Contreiras e J.R. Sales, foi a vez de fazer um apanhado de o que foi o período ditatorial no Brasil e o papel da mulher na revolução contra o regime. Ainda usamos das definições de Sandra Pesavento sobre a representação nas telonas. Para a análise, foram escolhidos, além dos elementos que caracterizaram a época, os figurinos usados pela personagem, bem como as peças por ela criadas. Além da representação de Zuzu como figura social ativa durante o regime.

Cinema e História: um novo olhar

A relação entre cinema e história foi estabelecida a partir do final da década de 60. A história Cultural vai mudar os paradigmas da pesquisa. Os historiadores buscam novas fontes para recontar a história, e, assim, tem a cultura como nova fonte de pesquisa.

Deve-se levar em consideração que a História não é contada somente a partir de documentos escritos, a via oral é outra forma válida de contá-la. A memória coletiva e daqueles que viveram o período ditatorial pode servir como base para a investigação de fatos que escapam aos documentos oficiais. (NOVOA, 2008, p.15).

Os cineastas procuram reproduzir nas telas o passado que constitui a história da humanidade. Reconstruir os fatos ocorridos no passado através de imagens em movimento, som e fotografia é uma forma de conceder verossimilhança à produção cinematográfica. A mescla de acontecimentos reais com a ficção embasa o desenrolar da trama, permitindo ao público identificar-se com o tema e transportando-o para o passado. Esse tipo de película é chamado, por Rosenstone, de “filme histórico”. O



cinema histórico é considerado uma forma de aprendizagem e quebra a lógica de que não há interação com o passado. Os filmes fazem com que o espectador veja, ouça e sinta as emoções vividas pelas personagens históricas, as quais geram, normalmente, debates e questionamentos acerca do passado. (ROSENSTONE, 2001, p.33).

Através do cinema, da televisão e da internet os alunos experimentam novas experiências do conteúdo apresentado em sala de aula. Os recursos audiovisuais tornaram-se indispensáveis para o aprendizado, pois facilitam a vida do estudante ao dar movimento às histórias dos livros. O que aprendemos em História, principalmente, é mostrado através de imagens em movimento. Marc Ferro (2010, p. 181) chama essa realidade de *escola paralela*:

Entre os povos ex-colonizados, especialmente entre aqueles que não têm uma tradição histórica escrita, o conhecimento histórico se encontra, ainda mais do que em outras sociedades, sob dependência das mídias, mesmo no caso em que uma forte tradição oral sobreviva (FERRO, 2010, p.181).

Já Rosenstone (2001) acredita que o cinema não é uma boa escola. Para ele, os dados contidos nos livros são muito mais concisos do que a imagem na grande tela. O historiador ainda completa que o enredo do filme nada mais é do que um comentário a respeito de uma passagem e isto nada pode dizer sobre o que realmente está registrado nos livros. Ele julga que a película nada mais é do que a transmissão de uma época através do olhar do cineasta, e não do livro. “Talvez história seja a palavra errada. Talvez devêssemos escolher outra palavra para a tentativa de representar e dar significado ao passado em um filme dramático” (ROSENSTONE, 2001, p. 105).

Os anos 1990 e 2000 foram marcados pela crescente produção de filmes nacionais com a temática do período ditatorial. Marc Ferro (2010) chama esse movimento de moda *retrô*⁴ no cinema, ligada a indagações e certezas de um tempo.

No filme *Zuzu Angel*, do diretor Sérgio Rezende, a versão dos fatos apresentada é a de quem perdeu a batalha. Os documentos levantados, os discursos, as pessoas que lutaram ao lado de Zuzu são elementos da pesquisa realizada pela produção do longa-metragem, que procurou mostrar o olhar da estilista e não apenas o depoimento dos generais. Para tanto, é de suma importância a relação Cinema e História, não apenas para saber do passado, mas também para contar o presente e imaginar o futuro.

⁴Retrô: prefixo latino que é usado para se referir a uma tendência.



Período ditatorial brasileiro

A partir de do dia 1 de abril de 1964 o Brasil viveria um dos períodos mais difíceis da política brasileira, com a instalação do golpe militar. Esta data ficou marcada na história do Brasil. “O golpe começa sob o comando dos militares, porém, teve o apoio de lideranças civis, inclusive empresariais e religiosas, numa conjugação de ambições, intolerância e também de ignorância, que muitas vezes se confunde com a ingenuidade”. (CONTREIRAS, 2005, p. 10).

O primeiro presidente da ditadura foi Humberto de Alencar Castello Branco. O general assumiu o país com a economia ameaçada, a produção estagnada, a desordem político-social instaurada e a crise na balança de pagamentos em voga. O primeiro governo foi marcado pela promulgação de quatro Atos Institucionais⁵. O General Costa e Silva assumiu o poder com mãos de ferro. As manifestações estudantis que surgiam na Europa e tomaram as ruas das principais capitais brasileiras, colocava em risco a revolução. Receoso com o retorno da legalidade, Costa e Silva confiou ao seu vice, Pedro Aleixo a elaboração de uma nova constituição em 1969. No entanto, o feito marcante de seu governo ocorreu um ano antes: em 13 de dezembro, quando foi instituído o Ato Institucional Número Cinco (AI-5)⁶.

O final dos anos 60 e o início da década de 70 trouxeram uma aparente calma ao período ditatorial devido às conquistas brasileiras no âmbito esportivo. Assim, Emílio Garrastazu Médici, então presidente, atingiu alto grau de popularidade, alcançado o chamado *Milagre Econômico*, com grande captação de recursos e investimentos externos que geraram empregos. No entanto, sabe-se que o milagre não abrangia toda a população, pois os trabalhadores, que enfrentavam problemas como o arrocho salarial e contrastavam com a minoria que concentrava renda. Nos últimos dois

⁵ O AI-1, além de cassar os direitos políticos, ainda eliminou o surgimento de uma possível oposição que viesse a fazer frente ao regime militar. Através deste Ato, a ditadura ganhou a Legitimidade Democrática, já que os presidentes seriam eleitos por um colégio eleitoral, formado de representantes da população. O AI-1 foi extinto no final do mandato de Castello Branco decorrente da invasão da polícia na Faculdade de Medicina da extinta Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). O AI-2 extinguiu os partidos políticos do Brasil, que foram substituídos por dois grupos governistas: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). O AI-3 deixou a cargo da Assembleia Legislativa as eleições indiretas e o AI-4 convocou o Congresso para a elaboração de uma nova constituição nacional.

⁶ O AI-5 suspendeu o estado de direito democrático, impondo uma rígida censura à imprensa, repressão aos estudantes contrários ao regime, intensificação da prática da tortura e desaparecimento de cidadãos perseguidos. Esse Ato levou à falta de incentivo a atividades políticas, ao uso de escutas telefônicas para vigiar civis e militares (o que levou ao fim da autonomia do poder Judiciário), à adoção de métodos antiéticos em nome da Segurança Nacional, ao desperdício de dinheiro com obras faraônicas e à prática do suborno e à punição aos veículos de comunicação.



governos, de Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo, respectivamente, ocorreu a abertura política do país. (ARNS, 2009, p. 62).

Os militantes de esquerda sofreram com o rigor dos Atos Institucionais impostos pelos generais. Dentre os grupos revolucionários, dois chamam a atenção. O Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e a Aliança Libertadora Nacional (ALN). O primeiro tinha como líder Carlos Lamarca. Eles acreditavam que a revolução deveria ser um misto entre a luta armada e a não armada.

Ainda que tenha surgido adotando a crítica ao caminho físico para a revolução brasileira e a luta contra a ditadura, o MR-8, em comparação a outros grupos de esquerda revolucionária, demorou a aderir efetivamente às ações armadas. Isso se deveu, em grande parte, à própria origem da organização, que tinha raízes no movimento estudantil em ascensão (SALES, 2007, p.83).

Em setembro de 1969, o MR-8 uniu-se à *Aliança Libertadora Nacional* (ALN) para realizar o sequestro do embaixador norte-americano, Charles Elbrick, no Brasil, em troca da libertação de 15 presos políticos.

Quando se trata da ALN, deve-se lembrar de Carlos Marighella, o fundador da Aliança esquerdista. Ele já fazia parte do PCB na época da crise após a renúncia de Jânio Quadros. Aos poucos, o líder entendeu que a luta pacífica não adiantava mais para o Brasil. No final de 1969, Marighella caiu em uma emboscada armada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury e foi assassinado. Apesar dos grandes nomes da luta armada serem do sexo masculino, as mulheres tiveram uma participação importante na guerrilha.

A mulher na ditadura civil-militar

O movimento feminista, originário de Nova Iorque, nos anos de 1848, só chegou a solo brasileiro na década de 60, tendo seu auge no final dos anos 70. Neste período, as mulheres já estavam mais organizadas e aliaram a luta contra a ditadura à busca por melhores condições de vida e à discussão de problemas genuinamente femininos. Logo, “a ação política da mulher no período da ditadura militar se dá, portanto, em duas frentes – na luta contra a repressão e na luta contra as desigualdades entre homem e mulher, respeitando as diferenças existentes”. (COLLING, 1997, p.44)

Na época da ditadura, ainda não se aceitava o fato de que a mulher poderia entrar em uma organização por vontade própria. Acreditava-se que o seu estímulo teria



de vir por parte de um homem, logo, ela seria militante por subversão e não por ideologia. (COLLING, 1997).

Muitas mulheres se arriscaram e pisaram em solo masculino para lutar pelos seus ideais de democracia. Neste trabalho, abordam-se os ideais e a luta de duas mulheres, objetos de pesquisa: Sônia Angel Jones e Zuzu Angel, considerando de que forma a sétima arte levou aos espectadores a representação dessas mulheres. Assim, o próximo item é dedicado a analisar como a mulher foi mostrada nas telas do cinema.

A construção da mulher pelo cinema

De acordo com Pesavento (2003), a representação de uma imagem é traduzida de maneira diferenciada para cada espectador. Logo, resta ao roteiro expor uma abordagem ainda não retratada ou pouco visualizada sobre o tema que estiver em evidência. A história é reescrita para possibilitar a maior identificação do espectador com a obra.

Pesavento considera que “a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele”. Assim, nota-se que as figuras expostas no filme não são uma reprodução fiel das pessoas ali retratadas (2003, p. 40). Neste trabalho será usada a definição de representação de Pesavento, uma vez que é mais operativa para os objetivos desta pesquisa.

A representação é um conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele (PESAVENTO, 2003, p.40).

Zuzu, Stuart, Sônia, Elke são personagens do filme que existiram de fato fora das “telonas”. Assim, o longa-metragem não cria personagens ficcionais, mas reconta a realidade vivida pelos indivíduos empíricos de maneira a envolver o espectador. Porém, pontua-se que a ficção é comedida, prendendo-se a fatos que não podem deixar de ser contados.

Um único fato pode gerar diversas interpretações. O filme tenta passar uma delas, o ponto de vista do roteirista diante da personalidade que foi Zuzu. Assim, existe um processo de pesquisa acerca da personagem a ser construída. Durante essa



investigação, fatos fictícios serão acrescidos à realidade e momentos reais serão excluídos, formando assim uma história pautada na verossimilhança. A sétima arte não tem como regra exibir um retrato fidedigno da realidade vivida na época, assim, diretor e roteirista adaptam a história a ser contada para o ângulo pelo qual eles acreditam que a História será mais interessante. Para que esta visão seja exposta, adota-se uma representação das personagens.

Zuzu Angel é um filme ambientado na década de 70, que narra a história da estilista brasileira que dá nome ao filme. Ela tem o filho sequestrado, torturado e morto pelo regime militar e a nora, Sônia, também foi presa e morta pelo regime. Para mostrar a representação da mulher e do período da nossa história escolhemos algumas categorias, que serão apresentadas nesta pesquisa.

A representação da década de 70 na tela cinematográfica

Neste subtítulo, pretende-se elencar itens que remetam ao período mostrado na tela. Foram analisadas as cenas consideradas com maior impacto, representação da figura de Zuzu ou momentos de intensidade da personagem pela pesquisadora.

Dentro do cinema, o tempo é uma maneira de representar outro período. Um dos momentos é quando Zuzu, ao chegar em casa, se depara com a televisão ligada. O aparelho é antigo e poderia claramente ser enquadrado nos elementos cênicos, mas o que chama a atenção é o que é dito pelo apresentador. A voz do âncora diz que Pelé havia anunciado a sua despedida da seleção brasileira, o que remete ao ano de 1971, além de outras manchete que remetem à década.

Através do figurino, percebe-se como o cineasta mostra o período representado para o espectador. Por meio de roupas e acessórios é possível fazer a leitura da época retratada. A década de 70 foi marcada por uma moda mais despojada, peças feitas com algodão, calças “boca de sino” e jeans, que ganhava novos tipos de tratamento, eram usadas para tornar o visual mais esportivo.

Para os homens, havia o predomínio de camisas sociais claras com riscas verticais. Para as mulheres, a figurinista Kika Lopes abusou de acessórios como botas de cano alto, roupas confeccionadas de maneira artesanal, estampas florais e micro shorts usados na época para compor o visual de Elke. Além disto, foram usadas bolsas com franjas e bijuterias feitas de contas de miçangas, tem a predominância do estilo apache, que possui características semelhantes às da tribo indígena de mesmo nome.



Vestidos com a bainha acima do joelho, saias compridas, que seguiam o estilo das mulheres ciganas, cintos largos, bolsas a alça a tira colo também se destacam na década. Os cabelos das personagens também chamam a atenção. Em meio ao movimento *black power*⁷ nos Estados Unidos, no Brasil, tornou-se moda ter os cabelos cacheados ou ondulados. Nota-se que os cabelos das mulheres representadas no filme possuem ondas.

A guerrilheira do filme, Sônia tem seu figurino basicamente composto por roupas unissex no estilo safari. No entanto, a militante não foi representada como uma mulher desleixada, pois em ocasiões sociais, ela aparecia vestida a rigor.

Os elementos cênicos são as peças usadas para contextualizar a época que se retrata na tela. Através de ambientes criados dentro dos cenários encontramos carros como um *Karmann Ghia* (KG) azul celeste, pertencente à protagonista. Ainda no início do filme, é feita uma referência ao Jornal O Globo. Na capa, a manchete da morte de Carlos Lamarca, assassinado no dia 17 de setembro de 1971. Arquivos de material impresso, malas, aparelhos de telefone, máquinas de datilografia e de costura, gravador de fita cassete e móveis no estilo neoclássico também remetem ao período.

A reconstrução de Zuzu Angel

O filme mostra que a moda de Zuzu era irreverente, alegre e, acima de tudo, apropriava-se de traços característicos do Brasil. Através do uso de muitas cores, estampas, madeira, miçangas, pedras brasileiras, bambus, conchas e rendas a estilista elevou seu nome ao nível internacional. Os vestidos eram feitos de chita, tendo como base a moda tropicalista e personagens brasileiros, como Lampião e Maria Bonita. Zuzu abusava do volume e de cortes simples, remetendo às mulheres rendeiras do nordeste do país. O desfile foi na loja Bergdorf Goodman, onde Zuzu mostrou três coleções: Maria rendeira, Maria Bonita, com acessórios inspirados na personagem, e Carmem Miranda, que revela uma mulher mais sensual que as anteriores.

No entanto, a figurinista brasileira não teve importância somente na moda, mas também na história. Na apresentação de Zuzu em terras internacionais, o que mais chamou atenção foi o desfile-protesto realizado em 1971, considerado o primeiro desfile político da história. Com a morte de seu filho, a estilista desenhou uma coleção com pássaros em gaiolas, sol atrás das grades, tanques de guerra, anjos machucados e outras

⁷ *Black power: referência movimento criado pelos negros, que visavam a aceitação de sua cor e cabelos da maneira natural.*



pinturas feitas por ela mesma para marcar os momentos passados por Stuart e retratar o momento de impunidade, violência, falta de liberdade e de direitos humanos que o Brasil passava. Impedida pelo regime de realizar qualquer denúncia sobre o Estado em terras internacionais, a figurinista apresentou sua coleção na casa do cônsul-geral do Brasil nos Estados Unidos, que era um território brasileiro no país americano. O anjo, marca registrada de Zuzu, acabou por virar um símbolo contra a ditadura civil-militar

Ao final do desfile, Zuzu andou pela passarela toda vestida de preto, com um véu na cabeça e um cinto feito com crucifixos, segurando uma foto de seu filho nas mãos, para mostrar ao público e à imprensa o que a inspirou para a criação da coleção apresentada. A determinação em reaver o corpo do filho vai acentuando-se com o passar do tempo no filme, até o ponto em que Zuzu extravasa sua ira no falso julgamento de Stuart. A partir desse momento, a personagem passa a desafiar o poder dos militares, o que a torna vulnerável e um perigo a ser combatido.

Figurino e composição da personagem

O figurino usado pela estilista também remetia à personagem. Na vida real, em suas fotos mais famosas, a estilista compõe o seu visual com um casaco de pele semelhante ao usado nas gravações. O colar de miçangas e a bolsa feita de materiais naturais também marcam por serem elementos tipicamente brasileiros. Pode-se apontar, ainda, em relação ao figurino, as estamparias usadas pela personagem. Ela abusa de peças em xadrez e com detalhes de figuras geométricas, o que era conhecido como estilo *Pucci*. As roupas passavam uma imagem psicodélica, as formas e cores usadas nos tecidos brincavam com o olhar. Zuzu, diferentemente de Sônia, é uma mulher vaidosa, aparece sempre de unhas pintadas, maquiada e fazendo uso de acessórios, especialmente colares e lenços na cabeça e pescoço.

O período que a protagonista vive no filme vai de 1955 até 1976. As representações das décadas de 50 e 60 são mais notadas através do corte de cabelo da personagem, pois vários foram os cortes propostos pelo diretor para mostrar as diferentes fases da vida de Zuzu.

As cores predominantes nas peças da casa são fundamentais para a determinação de qual o período da vida da protagonista está sendo representado. Antes de a estilista receber a notícia da prisão do filho e mesmo quando ela o procura, a cor verde marca



presença nos elementos da casa, ultrapassando o quesito figurino e podendo ser notado no cenário e nos personagens que a cercam.

A cor vermelha marca os momentos de confronto entre a estilista e o governo, logo após a prisão de Stuart. Depois de receber a carta de Alberto Dias, que conta que o filho da estilista está morto, Zuzu adota a cor preta em seu figurino, sinalizando seu luto. Porém, é o vermelho que acompanha a personagem até o final do filme, como símbolo do confronto com o regime e da busca de justiça pela morte de Stuart.

Zuzu Angel mostra para o público um modelo familiar diferente do que era comum na grande tela: a mulher como chefe. A protagonista é uma empresária bem sucedida, divorciada, que criou os filhos sem a ajuda do pai. Assim, percebe-se que a personagem Zuzu, criada para o cinema, não se afastou dos princípios da original. Os traços marcantes da vida profissional, assim como as suas criações foram respeitadas pelo diretor. Zuzu Angel, como mãe, também se mostrou forte.

No filme, a protagonista divide-se entre espaços da vida profissional e pessoal, sendo a iluminação escolhida especialmente para cada cena, proporcionando a alternância entre claro e escuro. No ramo profissional, Zuzu vivia o melhor momento de sua carreira. No entanto, o sucesso dos desfiles no exterior contrastava com o drama pessoal da personagem.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo avaliar de que maneira foram construídas as personagens femininas durante o período da ditadura civil-militar brasileira através do filme *Zuzu Angel*, de Sérgio Rezende. Procurou-se, assim, visualizar os elementos que representam a mulher guerrilheira, Sônia, e a mãe que confronta o regime, Zuzu.

Sônia mostrou-se fiel ao movimento revolucionário do início ao fim do longa-metragem, morrendo para defender a sua causa. Ao longo da narrativa, pode-se perceber que a personagem não teve variações no seu caráter ideológico. Contudo, percebe-se que a representação de Sônia no filme traz elementos insuficientes para demonstrar a luta da mulher na ditadura civil-militar. Logo, é inviável conseguir formar um retrato da guerrilheira tendo como base apenas cinco cenas.

Sobre Zuzu, o longa-metragem mostra os preconceitos da sociedade, na década de 50, que não aceitava com naturalidade as mulheres divorciadas. O filme relata



também os anos seguintes, quando a estilista muda completamente e encontra-se em guerra com os militares, a fim de ter o direito de poder enterrar o filho, morto na tortura.

Após a análise das personagens, pode-se perceber que a mulher foi representada como um ser forte, independente e determinado. Acredita-se que as personagens foram fiéis às mulheres representadas. Assim, a partir do filme de Sérgio Rezende e das pesquisas feitas sobre Zuzu Angel, acredita-se que a estilista foi retratada de maneira fiel. No entanto, sentiu-se falta de uma maior abertura para a figura feminina na sua atuação dentro dos movimentos revolucionários.

Assim, acredita-se que o presente trabalho fornece mais subsídios para futuras pesquisas no campo da sétima arte. Esse é um ramo que possui inúmeras questões a serem analisadas, sendo uma delas justamente a figura feminina.

Referências bibliográficas

ARNS, D P. E. **Brasil Nunca Mais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

COLLING, A. M. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CONTREIRAS, H. **AI-5: A opressão no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

FERRO, M. **Cinema e história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

NÓVOA, J.; BARROS, J. D. (org.). **Cinema-História** – Teoria e representações sociais no cinema. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROSENSTONE, R. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SALES, J. R. **A luta armada contra a ditadura militar: a esquerda brasileira e a influência da revolução cubana**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.